ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA 9 DE DEZEMBRO DE 1921 N.º 210

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O SR. coronel Manuel Maria Coelho, a quem ontem foi oferecido um banquete pelos *gros bonnets* do outubrismo, umas horas antes, sendo entrevistado por um redactor do *Seculo*, declarou-se pouco disposto a tomar parte nele, visto que lhe parecia tratar-se duma invenção de alguns jornais, menos carinhosos para com a sua pessoa. Este engano pronto se desfez e o sr. coronel pôde associar-se de bom apetite a uma festa em que a sua modestia recebeu belas compensações.

* * *

PARECE-NOS que o sr. Velhinho Correia, publicando ontem no nosso prudente *Diario de Noticias*, um relatorio que pretende utilizar em sua defeza—direitos de legitima defesa—cometeu simplesmente uma inconfidencia censuravel.

O sr. miuistro dos estrangeiros, que acabou com a comissão do sr. Velhinho Correis, terá de responder pelo seu acto, quando chamado a terreiro, mas o autor do relatorio tinha por obrigação calar-se e nada mais.

Infelizmente, em Portugal, a indisciplina é tal que o sr. Velhinho Correia toma como uma questão pessoal, o que não passou duma medida de governo.

* * *

O SR. ministro da justiça pensa apresentar ao parlamento uma proposta de lei para se crearem cadeias distritais, com oficinas, de maneira que os presos adquiram assim a certeza de que, emquanto estiverem a ferros, têm de ganhar o pão que o Estado lhes dá. Se fôr aprovada, o sr. dr. Vasco de Vasconcelos conseguirá ligar o seu nome a uma reforma que já ha muito devia estar realizada.

* * *

O «RAPIDO» do Porto voltou ontem a ser apedrejado entre Alfarelos e Coimbra. Uma pedra estilhaçou um vidro, passou dois dedos adiante do nariz de um passageiro de 2.ª classe—que não ganhou para o susto—e serrateiramente se esgueirou pelo outro lado da carruagem. Quando acabará este uso de lapidar o «rapido»—que nunca foi ministro e nunca fez mal a ninguem?

* * *

O «Dente de Ouro» quiz matar-se com uma pistola que supunha carregada a sério, mas que só tinha polvora seca. Foi um ardil de que se serviu o sr. dr. Barboza Viana, para saber se ele era sincero ou não quando afirmava que queria pôr termo á vida. Vê-se que no governo civil a psicologia é toda de imaginação . . .

* * *

NA cadeia do Fundão estão sessenta presos, quando a sua lotação é apenas para vinte. Este excesso de população dá bem a medida de quanto o crime se tem desenvolvido, álem de todas as esperanças. Nunca os construtores de prisões julgaram que a sua obra teria de ser remodelada tão cedo.

* * *

DENTRO de poucos dias, ha de ser posto á venda um volume de versos, intitulado *Espirituais*, de que é autora a sr.ª D. Oliva Guerra, colaboradora do *Diario de Lisboa*.

* * *

DEMITIU-SE de oficial de marinha o 1.º tenente sr. Santos Moreira. Convem dizer-se que se trata de alguem que sempre honrou a farda que vestiu.

NEM SÓ DE PÃO...

Um dos nossos leitores, que, «*do seu cantinho, se interessa pelos problemas nacionais*», escreve-nos uma longa carta em que nos aconselha a não largarmos mão das questões economicas e financeiras, porque delas depende o presente e o futuro de Portugal.

Nós tambem pensamos como ele, mas não queremos perder de vista outros assuntos que, embora mais espirituais que materiais, merecem a nossa atenção, porque se os continuarmos a descurar, as qualidades primaciais da raça perderão todo o seu relevo, deixando nós de ser um povo—concordia de esforços e aspirações — para nos convertermos num rebanho de egoismos e ambições insofridas.

Isto quere dizer que, além do pão, trabalharemos pelo espirito.

Comer é uma necessidade vital, mas pensar chega a ser, ás vezes, tão necessario como a nutrição. De todos os nossos ministerios, o da Instrução é certamente o que tem a responsabilidade da obra mais complexa e dificil, entre todas as que assoberbam a nossa crise.

Geralmente, quando, em epocas como a nossa, os paises se encontram sob o jugo de duros fados, os homens só cuidam de prevenir-se contra a fome, as revoluções e catastrofes que agouros funestos anunciam. Todas as mãos se transformam em garras.

Os pobres desesperam-se e os ricos fazem-se surdos a clamores.

Como fazer entender áqueles razão e a estes justiça?

Claro que só levando-lhes ao coração a palavra que abranda as coleras e o ensinamento que quebra os animos feros.

Entre nós tem-se descurado, lastimavelmente, tanto na familia como na escola, a formação do caracter. Sem moral não ha povo que dure, dando ao verbo *durar* a sua significação nobre — uma tradição de esperanças e afectos que as gerações não deixam morrer.

Estamos fortemente rebarbarizados. Não faltará quem tome esta degenerescencia como um fruto da liberdade, quando é simplesmente filha da licença e do despejo.

A educação das turbas ministra-se nas ruas, entre gritos de odio. Os templos são tidos por muita gente obcecada como focos de sentimentos hostis ás conquistas da inteligencia. Sugeitos que vivem num alheamento total dos direitos da razão, dizem sacrificar-se por esta, quando julgam que as verdades do céo os vão desarrumar do seu irracionalismo *bien averé*.

Mas se muitos dos que a religião não interessa, orientassem a sua vida por principios em que o homem adquire uma noção exacta da sua dignidade, bom seria. Mas não acontece assim, principalmente porque a escola ainda não encontrou maneira de preparar gerações que vejam na Patria uma realidade tão alta que domina todas as dores e incertezas de um momento.

CIVILIDADE

—**O reu começou por bater na victima. Depois é que a apunhalou.**
—**Eu sou delicado, sr. juiz. Bati antes de entrar.**

LOGO que nos mercados de trigo da Argentina se soube, por um telegrama dimanado de Lisboa, que o govêrno português pretendia isentar o imposto de importação sôbre o trigo, a cotação dêsse cereal aumentou imediatamente mais um *pézo de papel*. Isto só demonstra que as grandes firmas estrangeiras estão com os olhos fitos em Portugal, para se aproveitarem da nossa terrivel situação economica. Por êste andar, quando quisermos adquirir trigo, temos que o pagar pelos olhos da cara... .

* * *

ESTÁ em Lisboa desde ontem o sr. dr. Mesquita Carvalho, que ultimamente tem sido apontado como provavel presidente de um ministerio outubrista. A uma pessoa que conhece de perto o juiz presidente do Supremo Tribunal Administrativo, ouvimos dizer que o dr. Mesquita Carvalho é bastante inteligente para não se comprometer numa nova alcavala politica.

* * *

O SR. ministro das finanças, no proposito de melhorar a situação cambial, continúa conferenciando diariamente com representantes de várias casas bancarias.

* * *

A CAMARA municipal de Alemquer promove para o dia 12, pelas 13 horas, uma reunião de todas as camaras municipais do país, a fim de tratar da supressão do imposto *ad-valorem*.

* * *

O DISTINTO pintor de arte algarvio, sr. Carlos Porfirio, abre brevemente uma sua exposição de oleo, aguas fortes e *guâche* na sala da «Ilustração Portuguesa».

* * *

SABEMOS que o sr. ministro dos Estrangeiros significou telegraficamente ao sr. dr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres, o seu aplauso pelo modo decisivo como desmentiu as afirmações tendenciosas do «Times» a respeito da situação politica portuguesa.

* * *

O SR. ministro da agricultura autorizou algumas fábricas de moagem matriculadas a importar trigo exótico até á quantidade que o Estado arbitre.

* * *

NA secretaria das finanças realizou-se hoje a reunião magna dos banqueiros de Lisboa, para ultima analise das medidas de caracter economico e financeiro que o sr. Peres Trancoso tenciona decretar na proxima semana.

* * *

NÃO tem fundamento a noticia de estar o sr. Ribeiro de Melo no propósito de abandonar o logar de chefe de gabinete do sr. Maia Pinto. Isto, a despeito dos elementos *outubristas* não ocultarem a sua má vontade contra êle, por manter relações com antigos correligionários que publicamente se manifestam contra a actual situação politica.

Magazine

Um planeta perigoso

E' sabido que entre Jupiter e Marte gira uma quantidade de pequenos planetas, cuja origem se atribue á explosão medonha dum grande planeta. Estes pequenos planetas realizam os seus movimentos de rotação de translacção com a maior regularidade.

Ha tempos, porém, um dêles começou atraindo a atenção do observatorio de Alger. E eis o que este nos diz a respeito dêle:

Ao passo que os outros planetas descrevem em volta do sol uma curva eliptica de pequena excentricidade, este descreve uma longa elipse, cuja excentricidade é de 0,65. Para compararmos, lembramos que a da Terra é apenas de 0,01.

Quando está mais proximo do Sol, está a 500 milhões de quilometros dêste, e quando mais afastado, a 1.500.

A sua orbita corta a de Marte, a de Jupiter e alcança a de Saturno. O periodo de revolução completa dura 13 anos dos nossos.

O observatorio de Alger segue o movimento dêste astro ha muitos meses e assegura que os seus movimentos são analogos aos dos cometas.

Nunca um tal facto se verificou em astronomia. Os sabios ficaram estupefactos com esta descoberta e até agora o espanto não lhes permitiu encontrar uma explicação.

O peor é se o vagabundo do astro se lembra de chegar a algum ponto da orbita da Terra, exactamente na ocasião em que esta fôr lá passar. Acabam-se, num instante, as revoluções e as conferencias de desarmamento...

O teatro de Ibsen

Em 1878, Ibsen, era objecto da *ironia* dos homens superiores dum ano ou duma semana. Já tinha publicado então *Brand* e *Les Gyrot*.

O publico exigia que as obras terminassem a seu capricho, e assim como Flaubert modificara o final de Salambô, o grande dramaturgo, viu-se obrigado a fazer terminar bem *Maison de Poupée*, para que o publico pudesse compreender, não atingir, muito pela, rama, qualquer interpretação. Era uma confusão. Se, ao menos, Nora fugisse com um amante... Assim, não se percebia nada.

Hoje a *Casa de Boneca* conta 300 representações e não sai do repertorio de L'Œuvre. *Hedda Gabler* festeja o centesimo aniversario. O publico já compreende.

E' Suzanne Désprès, a artista que tem imortalizado essa Ana que a imortaliza a ela. A Duse compreendeu quão bem encarnariam uma na outra, a creação de Ibsen e Suzanne Désprès. Disse-lhe ao distribuir-lhe êsse papel, num tom de comando profetico: «Toma-o. Has-de levantá-lo bem alto e levá-lo bem longe.» E a Duse nunca entrou nessa peça, porque só interpreta o primeiro dos primeiros papeis.

3088
N.º telefone de A RECONSTRUTORA DE MAQUINAS DE ESCREVER
Reparações e contracto de limpeza a preços excepcionais. Orçamentos gratis.
R. DA BICA DUARTE BELO, 18

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA
LOPO DE CARVALHO, FILHO
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
Doenças pulmonares
Consultas das 3 ás 6
CALÇADA DO CARMO, 3, 1.º (ao Rocio)

QUESTÕES LITERARIAS

O PLAGIATO e Anatole France

Uma conversa entre o romancista francês e Brown, professor de filosofia da Universidade de Sidney

"O plagiato não é censuravel, nem tão pouco falta de imaginação"

Se Anatole France fosse susceptivel de adquirir na literatura, uma consideração mais alta do que aquela que já tem, o premio Nobel, classificando-o como o maior escritor mundial do ano, contribuiria alguma coisa para isso. Se, porém, lhe não pode aumentar a gloria, atrai sobre ele, agora especialmente, as atenções do mundo inteiro.

E' ocasião propria para transcrevermos um pouco do *Conto de Gabalis*, com que René-Louis Doyon defende a liberdade de os escritores colherem, onde muito bem quizerem, a materia prima das suas obras, referindo-se em especial a Anatole France, que algumas vezes foi acusado de plagiario: «Ha duas imaginações, a que cria do nada ou de materiais dispersos e a que assimila construindo. Os sabios, os filosofos, os grandes escritores, Rabelais, Balzac, Stendhal, Flaubert, são dotados com o dom da criação.» Anatole France é o mais feliz assimilador da época. Um romancista tem o direito incontestavel de tomar na vida e nos costumes o objecto dos seus estudos, e a materia que há-de desenvolver; o artista e o literato tiram dos livros a substancia dos seus trabalhos, a imaginação faz o resto. A erudição prejudica mais a invenção do que a arte; o saber limita sempre a intuição e as investigações do coração. Quem é que não prefere uma historia *vivida*, mesmo imperfeitamente contada, a uma obra de assimilação?

.....

E' da propria evidencia que ele tirou pouco de si mesmo e serviu-se admiravelmente do exterior, o que o não priva das qualidades de narrador agradavel.

Todo o público se delicia com a harmonia do seu estilo e toma os seus paradoxos ligeiros por uma filosofia de mérito. O analista pode permitir-se julgá-lo mais seriamente e permitir-se estudar o mecanismo das adaptações romanescas de Anatole France.

Não abriu êle próprio o caminho a um trabalho desta natureza, resumindo um metodo atribuido a Gaubin-Anatole France-Jacques Thibault, numas vinte páginas anexas á *História Cómica?* Esta franqueza, artisticamente despreocupada, limita o scepticismo do romancista e autoriza a liberdade que vai ser tomada, os seus leitores ordinários referem-se ás suas palavras e, confiadamente, tomam as suas ficções por referências e estas por ficções agradáveis sem o cuidado de esclarecer umas nem outras.»

Anatole France não considera de forma nenhuma atentatória da grandeza literária, o facto de *prendre son bien où il se trouve* e de ter pouca imaginação.

Defende mesmo a prática de aproveitar o que julgar conveniente, onde quer que o encontre, para os grandes homens de todos os tempos.

Paul Gsell publicou num livro «Les Propos d'Anatole France», a conversa do grande romancista francês com o professor de filosofia da Universidade de Sidney, Brown, que, estando a preparar uma tese sôbre o génio em literatura, viera escutar o mestre do estilo. Nessa conversa se vê, claramente, em que categoria coloca Anatole France a imaginação.

«Brown parecia aterrado. Não obstante, queria continuar o inquerito.

BROWN—Então não julga que a principal qualidade dos grandes escritores é a beleza da imaginação?

FRANCE—*A riqueza da imaginação?*

BROWN—Aoh!

FRANCE—*Talvez.*

REMY DE GOURMONT—Palavra que não ha nada menos digno de fé. Quasi todos os autores celebres, pelo contrario, cortaram os seus esplendidos fatos em pano que outros tinham tecido. Segundo diz Molière, apanharam as cousas onde as encontraram. Quanto mais se relê Rabelais, Molière, La Fontaine, para não falarmos senão destes, mais se vê reduzida a parte de invenção que lhes pertence.

FRANCE—Com certeza, meu amigo. Raras vezes lhes pertence a materia prima. Vão buscar tudo a outra parte, e não fazem mais do que dar-lhe uma fórma nova.

De resto, há hoje a mania de escavar tudo em volta dos genios. E' o emprêgo da moda.

Procura-se a origem dos seus trabalhos. Os detractores denunciam os plagiatos. Os fanaticos fazem o mesmo; mas têm muito cuidado em dizer que quando o pavão rouba ao gaio algumas penas azues para as misturar nas suas da cauda, o gaio não tem de se queixar, pois recebe grande honra.

E quando os inimigos e devotos dum culto se afadigaram anos em torno dum idolo, este acaba por se tornar em cinza, ao que parece.

Que fica de Rabelais depois dos trabalhos dos rabelaisianos? e de Cervantes, depois dos dos admiradores? e de Molière, depois dos dos molièristas?

Afinal, cuido que ficaram sendo o que sempre foram, quero dizer, uns grandes homens.

Antes, Anatole France tinha reconhecido aos homens de genio o direito de escreverem mal—Molière, Saint Simon e Balzac escreviam mal—; tambem lhes havia perdoado terem composto, ao acaso, as suas obras... Era isto que tinha aterrado Brown.

TEATRO SALÃO FOZ
EMPRÊSA ARTUR EMAUZ
Companhia Otelo de Carvalho
QUEM QUERE
RIR sem descançar vai ás — DUAS SESSÕES — da incomparavel revista
Bichinha Gata...
O «compère» pelo impagavel ANTONIO GOMES, da Trindade — Varios e interessantes papeis de sensação e atualidade por Laura Costa, Otelo de Carvalho, Julia d'Assunção e mais artistas
O Fado do Escangalhado por Martins dos Santos

GATO por LEBRE
Cozinha á portuguêsa
Teatro APOLO
Cozinha á portuguêsa
GATO por LEBRE

Mundanismo

Nos salões

Na segunda-feira, 5 do corrente, realisou-se na magnifica herdade de «Vale de Cortiça», propriedade da sr.ª D. Joana Pimenta de Campos Godinho Soares Mendes e do sr. João José Soares Mendes, uma esplendida festa, oferecida a varias pessoas das suas relações.

A herdade de «Vale de Cortiça» é uma das mais belas e bastas propriedades dos arredores de Abrantes, onde os encantos naturais se coadunam com os artificiais.

A sala de baile da elegante residencia de campo, encontrava-se artisticamente ornamentada com belas colchas, lenços e pratas antigas, que punham uma nota bem regional no amoravel conjunto.

Durante toda a noite se dançou sem interrupção, ao som de um eximio quarteto de Lisboa, formado por artistas do teatro S. Luiz, amavelmente dispensados pelo actor-empresario sr. Armando de Vasconcelos, que organizaram um autentico «jazz-band».

Além das valsas «one-steps» e «fox-trot», dançou-se «o vira» e o «estaladinho», marcado com toda a proficiencia, pelo sr. Visconde de Portalegre.

Pelas seis horas e meia da tarde foi servido um jantar, sendo depois aberto o «bufette» durante toda a noite, e pela meia noite o *chá* e geralmente pelas duas e meia, *chocolate*.

A festa foi tambem abrilhantada pela exibição da graciosa bailarina Nieves Mimosa, que executou varias danças do seu vasto repertorio que a assistencia aplaudiu com verdadeiro entusiasmo.

Na assistencia notaram-se as sr.as:

Viscondessas do Tramagal e de Portalegre, D. Mariana Barreto Paim Cortez Zagalo, D. Beatriz de Castro e Ataide e filha D. Maria Antonia; D. Amelia Valejo de Oliveira e Silva, D. Isabel Gamboa Eiiz, D. Augusta de Almeida Beja Castro e Ataide, D. Sofia Moura Neves e filhas D. Maria Cristina e D. Maria Virginia; D. Georgina de Avelar Machado Soares Mendes, D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, D. Narcisa Apolinario, D. Maria do Ceu Pacheco Mena e Silva e filha D. Fernanda; D. Maria José Heitor e filhas D. Maria Eduarda e D. Maria José; D. Maria da Mota Apolinario Oleiro, D. Conceição de Pina Manique Santa Barbara e sobrinha, D. Adelina Guedes de Campos, D. Maria Elisa Guedes de Campos, D. Maria Elisa Guedes de Campos Rosado, D. Virginia de Castro e Ataide Almeida Beja, D. Mariana Morcira Santos e filhas D. Maria Miquelina e D. Maria Cordalia; D. Maria Teresa Valejo Soares Mendes, D. Alice, D. Leonor Maria e D. Julieta Nunes Coelho, D. Beatriz Consolado e filha D. Celeste; D. Mariana e D. Guilhermina Almeida Beja, D. Amelia Almeida Beja de Castro e Ataide, etc.

E os srs.:

Visconde de Portalegre, Antonio Apolinario, dr. Narciso de Oliveira e Silva, Luis e Fernando Pacheco Mena, D. Luis da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), João de Ataide, dr. Antonio Apolinario Oleiro, dr. José Secca da Mota, Manuel Bravo Borges, Raimundo e Eduardo Soares Mendes, dr. Antonio Augusto Correia de Campos, dr. Eduardo dos Santos Heitor, David Rosado, Artur Santa Barbara, dr. Guilherme de Moura Neves, Antonio Cipriano dos Santos, João de Castelo Branco, Luis Pacheco de Mena e Silva, Manuel Serra da Mota, José e Antonio Moura Mena, João Emilio de Avelar Machado Soares Mendes, Fernando Paim Soares Mendes, João Duarte Marques, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

As honras da casa foram feitas pelos ilustres donos da casa, sua cunhada, a senhora D. Georgina Avelar Machado Soares Mendes, e pelos srs. visconde de Portalegre, Raimundo Soares Mendes e Fernando Paim Soares Mendes, que foram de uma verdadeira e cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Festas como estas ficam sempre na memoria dos que que a ela assistiram.

Pontos de reunião

No Cinema Condes

Continuam muito elegantes as sessões neste salão o ponto mundano de «rendez-vous». Nas ultimas sessões recorda-nos ter visto as senhoras:

D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha D. Maud; D. Halia Concia Leite e filha D. Maria; D. Maria Augusta de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nunes e filha, D. Maria Horta e Costa, D. Alice Felix da Costa Monteiro, madame Pinheiro Chagas e filha, D. Izaura Roquete, madame Costa Pereira Rocha Vieira, D. Maria das Dores de Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas, madame Cunha, D. Luiza Tavares Horta Osorio, D. Ilda de Magalhães Pedroso, D. Berta de Cisneiros Costa, mesdemoiselles Castro Silva, etc., etc.

No S. Luís

A'manhã é o S. Luís o ponto elegante de reunião, onde se realiza a primeira recita da moda com a fina e interessante opereta «Jardim d'Aspazia».

THEATRO SÃO LUIZ
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA
Concertos BLANCH
Domingo, 11 — Matinée ás 3 horas da tarde
3.º concerto de assignatura da
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
Extraordinario Programma
1.ª PARTE
I—TITUS, ouverture, (1.ª audição)—MOZART.
II—a) MANFREDO, entracte, (1.ª audição)—REINECK.—b) O MOINHO, A BELA MOLEIRA, (1.ª audição)—RAFF.
III—OS PRELUDIOS, poema synfonico—LISZT.
2.ª PARTE
IV—SCHEHERAZADE, inspirada nas «Mil e uma noites», suite synfonica, (1.ª audição)—RIMSKY-KORSAKOFF.—a) Largo e maestoso-Allegro non troppo.—b) Lento-andantino.—c) Andantino quasi allegretto.—d) Allegro molto.—e) Allegro non troppo e maestoso.—Violino solo, Sr. Flaviano Rodrigues.
3.ª PARTE
V—PARSIFAL—WAGNER.—a) Preludio.—b) No jardim encantado de Klingsor e scena das flores animadas.
VI—DAMNATION DU FAUST—MARCHA HUNGARA—BERLIOZ.
BILHETES Á VENDA

ARMAZENS DE PARIS, L.DA
Alfaiates mercadores para Homens e Senhoras em Tailleur
SOBRETUDOS, CAPAS Á ALENTEJANA, CASACOS PARA SENHORA
Uniformes militares — Especialidade em Estilos a Rigor — Completo sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras vindas directamente dos Fabricantes
Enviam-se amostras para a provincia PREÇOS SEM COMPETENCIA
217, R. DOS FANQUEIROS, 219 (2.º Quarteirão vindo da Praça da Figueira), Telefone C. 3427 --- LISBOA

TARDE DE INVERNO

Musicalmente alegre, a chuva cái:
Ela já sabe que te espero aqui.
Por isso a sua boca de oiro ri,
Mimando a fala que da tua sái!

Amor, a chuva lembra tal e qual,
— Sabes o quê? Convivas duma bôda,
Que brindem, bebam numa alegre roda,
Entrechocando as taças de cristal.

A chuva lembra toques de clarim
Sagrando em glória todo um regimento:
Hei de ter-te, de aqui a um momento,
Boca na boca, abraçadinha a mim.

A chuva cái com um tinir de prata.
Tão linda e fina, a sua voz encanta:
Vens, sim, vens, porque sabes, minha santa,
Que a tua ausência me adoenta e mata.

As gotas de água lembram corpos lassos
Depois que o amor os foi escravizando:
Há de ficar assim teu corpo, quando
Pousar, daquí a pouco, entre os meus braços.

Numa cadência intérmina, apressada,
A chuva lembra o rufo dum tambor:
E lembra os teus pézinhos, meu Amor,
Leves, tocando as pedras da calçada.

Parece um lânguido *fru-fru* de sêdas,
Ou lembra a chuva o som dum violino;
Ou lembra, então, o teu dizer divino,
Quando me falas, quando me segredas.

* * *

Mas tu não vens... E a chuva, a chuva agora
Não lembra prata e muito menos oiro.
Já tem a sua voz um tom de agoiro:
Pressagia desgraça em tal demora.

Juraste, sim, que vinhas... Mas quem ousa
Acreditar em juras de mulher?
Quem viu que alguma saiba amar e qu'rer
Horas e dias, sempre, a mesma cousa?

E os minutos correndo, inúteis, vãos!...
O' meu ciúme doido, que adivinhas?:
Quem sabe se outras mãos, que não as minhas,
Aquecerão agora as suas mãos?!...

E' impossivel? Não p'ra meu tormento:
Coração de mulher é nau sem rumo,
Floco de neve, arminho, espuma, fumo,
Fôlhas caídas á mercê do vento...

A'i! a chuva, sonâmbula, não finda,
E geme um surdo *tom-que-tom* de cobres.
Meu coração parece um sino aos dobres:
Tu já não vens, decerto, minha Linda.

Agora chove mais, ó Desejada.
E as horas pisam minha alma viúva:
Meu coração com o relógio e a chuva
São três cavalos sempre á desfilada.

A chuva envolve a tarde moribunda.
— Lembra veludo p'ra forrar caixões —
Minha alma é cheia de interrogações
Perante a dôr que todo o espaço inunda!

Que chuva! Chove sempre, chove mais...
Já hoje não te beijo a bôca doce:
A tarde já morreu e amortalhou-se,
E as gotas de água só exalam ais!...

(Do livro «Nossa Senhora Eva»)

César de Frias

DEANTE DE UMA QUADRA

A volta á simplicidade!

AUGUSTO GIL INSPIRANDO, COM A SUA IRONIA, SENTIMENTOS DE RENUNCIA Á GRANDE VIDA

Augusto Gil, o poeta inconfundivel e delicado do «Passeio de Santo Antonio» e da «Balada da Neve», nas suas satiras, escreveu, ha anos, uma quadra que nos parece agora ainda mais verdadeira de que então.

Os poetas são um pouco *adivinhos* e nos seus exageros pessimistas ou sentimentais existe, quasi sempre, uma verdade olvidada ou latente, uma observação que se justifica e que nos demonstra que, muitas vezes, aqueles que parecem viver absortos e afastados do mundo contemplam a vida com olhos perspicazes e conseguem vê-la, assim de longe, com a lucida extensão que dá a perspectiva.

A quadra de Augusto Gil diz assim:

Tirante um ou outro probo
E uma ou outra virtuosa,
O homem de hoje é um lobo
E a mulher uma raposa...

Por desgraça temos ocasião de vêr—não incidentemente, em casos pessoais, mas na generalização duma sociedade agitada, não em Portugal sómente, mas em todo o mundo, pode-se dizer—que o lobo e a raposa predominam e destroem, trucidam cordeiros e galinhas, arrazam os redis e as capoeiras sem recear pastor ou cão de guarda.

A luta pela vida, a liberdade do pensamento e o pensamento da liberdade, os extremos da sciencia e os requintes da civilização parece que desenvolveram a ferocidade e a astucia muito mais de que a primitiva e rustica bruteza e de que a velha ignorancia crente e supersticiosa.

«O homem de hoje é um lobo...», caminha ambicioso e esfaimado de dinheiro e de honrarias e passa com a sua ambição através de todas as desgraças, *arriviste* com poucas ideas e nenhuns ideais, na febre de viver... *mal e depressa.*

«E a mulher uma raposa», simbolicamente envolvida em peles carissimas, que incitam os bolchevistas, ou vestidas duma inveja pesada que lhe põe nos olhos chamas odientas, avança pronta a todas as astucias e a todos os compromissos para subir um degrau, não na escada da felicidade, mas na escada social e, sobretudo, na escada do luxo, que a deslumbra e que a perverte.

Quanta felicidade perdida, que estaria singelamente ao alcance de todos! Quanto ceu azul para que ninguem levanta os olhos, quanto ar puro no campo, que não se procura, nem se respira, quanta vida sã e laboriosa que se macula e que se corrompe!

Quantos corações em que não palpita a caridade no justo e bemdito sentimento de espontaneamento repartir!... repartir tudo... riqueza, trabalho, conselhos e afectos, protecção e justiça!... Esse seria o dôce bolchevismo luminoso, que levou um Deus ao Calvario, que, sem despojar ninguem, sem violencias e sem maldade, daria cama a todos os doentes, asilo a todos os velhos, carinho a todos os orfãos!...

E na alma dos que têm pouco, porque não há de haver o sereno orgulho da indiferença pelo luxo dos outros?

Que importa, se a natureza dá para todos o esplendor das suas maravilhas?

Que importa, se num museu toda a beleza é nossa, pelos olhos e pelo pensamento? Que importa, se todos sofremos e morremos?

Quantas miserias encobre a riqueza!

Quantas casas pobres em que há mais amôr e mais sorrisos!

E todos nós, nesta época de luxo e de comercio, sem bondade e sem poesia, sentimos um instintivo desejo de regressar, de simplificar.

Sentimos o cansaço na saude e na alma. Os nervos não suportam esta vida ansiosa, febricitante, inquieta, sem repouso e sem tranquilidade.

Os desiquilibrados multiplicam-se, os sentimentos não têm consistencia, os caracteres não têm energia. Não ha convicções, ha conveniencias ou tibiezas, não ha afectos, ha preferencias ou caprichos, não ha coragem, ha impulsos e paixões ruins.

E todos que o mal horrorisa, e todos que a desilusão desanima, e todos que a vida fére, fogem para o campo, para o isolamento, pondo-se consciente ou inconscientemente em contacto com Deus e com a Natureza, essas duas forças perfeitas e sublimes, inabalaveis e unidas, e aprendem no livro eterno as verdades profundas que sabem encontrar os que sofrem.

E é do campo, no trabalho e na simplicidade, longe de odios e de ambições, que pode vir a onda limpida e pacifica, que lave o sangue e que regenere a alma.

Maria de Carvalho

DIVINDADES

Jerusalem brilhava refulgente,
Rosas tremiam nos marmores plintos
E a orgulhosa raça, vil, descrente,
Gargalhava nos magicos recintos.

Nas colinas sangravam terebintos
E eram d'anil os montes, no poente,
E o Sol com os seus raios quasi extintos
Cobria d'oiro a Terra Omnipotente.

De fronte erguida, altiva, doce e pura
Voltava para o longe-Flor d'Altura,
Olhava o Sol, com triste olhar, Jesus...

E o Sol que viu aquele olhár magoado
Teve remorsos e perdeu a luz
Quando Jesus morreu crucificado...

(De um livro em preparação)

Caetano Campos

SONETILHO

A Vida é lenta agonia,
Sem pausas de melhor sorte:
— Nas horas de cada dia
a Vida é hora da Morte!...

— Freqnesa que assim resume
o seu conceito de «Ser»,
por certo afirma que o lume
é feito de cinza a arder...

...

Quando é sol-posto na serra,
não sei eu que em outra terra
brilha a luz que morreu cá?

— Vida que eu vivo, existe
sómente porque persiste
no que foi, é e será!

Santarem, 921.

Luís Vaz de Sousa

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Fornecimento de sucata de cobre para fundição

No dia 12 de dezembro pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 6000 quilos de sucata de cobre para fundição.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 29 de Novembro de 1921.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

Uma questão em litigio

A quem pertence a propriedade do "Amor de perdição,,

Está em litigio no Supremo Tribunal de Justiça a questão da pertença da propriedade do *Amor de Perdição*, o extraordinario romance de Camilo. Foi, portanto, bem escolhido e oportuno o momento de extrair um belo «film» da admiravel obra prima do genial escritor, «film» que com tão extraordinario exito está sendo exibido todas as noites no Cinema Condes, ponto obrigatorio de reunião para as primeiras familias da nossa sociedade elegante. A 2.ª parte e ultima do *Amor de perdição* figura em todos os programas de tarde e á noite, pois que todos os dias se realizam «matinées», tanta tem sido a afluencia de publico ao primeiro cinema de Lisboa.

Hoje estreia-se o novo «film» *Sursana e os bandidos*, pela malograda e grande artista Susana Grandais.

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

NACIONAL Telefone C. 2049
HOJE — O MAIOR DOS EXITOS
A notabilissima peça
CASA CERCADA
Empolgante entrecho — Scenas intensamente dramaticas — Brilhante desempenho — Grande aparato
A TOMADA DE JERUSALEM
pelos ingleses durante a grande guerra
O mais belo dos espectaculos — Conjunto verdadeiramente artistico

— AVENIDA —
Viagem á China

TIC-TAC
T
I
C
-TIC-TAC **DEN** Empresa H. Barreiros, L.ª
T Brevemente
A
C
TIC-TAC

A PARISIENSE
60, RUA NOVA DO ALMADA, 60
:: Guarda-chuvas, galochas para homens e senhoras. ::
:: Flamons, o que há de mais chic. :: :: :: :: :: :: :: ::
:: Sabão Dog-Soap, verdadeira especialidade para animais :: :: :: :: :: :: ::
:: Completo sortido em camisaria. :: :: :: :: :: : ::

Não comprem
Candieiros e plaffonniers, ferros de engomar electricos, estatuetas e outros artigos de electricidade, sem confrontarem os preços porque vende o Bico Nacional Aureo—Rua 1.º de Dezembro, 33 a 37—Tetef. 1047 C.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 509 Londres—56, Ludgate Hill

POLITEAMA
Telef. C. 1028
EMPRÊSA LUÍS PEREIRA
COMPANHIA LUCÍLIA SIMÕES
Direcção de LUCINDA SIMÕES
Ultimas representações da peça de extraordinario sucesso
Uma mulher sem importancia
Notabilissimo desempenho de Lucilia Simões
Brevemente — Em 4.ª recita de assinatura — 1.ª representação da peça de Tito Arantes
— EMIGRANTES —
Domingo, 11 — 4.º concerto de assinatura da
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a regencia do
MAESTRO FERNANDES FÃO

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS £ ENTREVISTAS

Chá das cinco

Da função dos jardins

S. Pedro de Alcantara, onde nós passamos, de carro, todos os dias, é o local adoravel dos namorados. S. Pedro de Alcantara, como todos os jardins. Se chove, sob o carinho cumplice da chuva e de um chapeu aberto e aconchegado, os namorados abrem uma clareira de sol, na noite invernosa da cidade. Se o sol triunfa, sentados tranquila e inocentemente num banco de costas voltadas para a linha electrica, os dois namorados arquitectam, em meias frases, um palacio ogival de amor, naquele estilo medieval que ainda não se deixou de usar. Nem policia, nem os viandantes, nem os predios fronteiros, o hotel Bristol, nem as janelas indiscretas dos carros que demoram ali três segundos—os intimidam. Amam por palavras e emoções, na santissima tranquilidade do seu querer, através a bulha indecorosa da cidade que vive, que se escôa, que se escapa da Patriarcal para S. Roque e de S. Roque para a Patriarcal.

A cidade olimpica e eterna, com sete colinas, olha-os fronteira e imponente, com seu milhão de janelas abertas, com suas trinta cupulas de igreja, vinte campanarios, uma duzia de quarteis, dois hospitais e a cabeça gloriosa e descuidosa de D. Pedro IV espreitando por cima dos telhados, do alto do seu fuste. Mas a cidade, fixada neles, não os vê. Olha-os misericordiosamente. Não os censura; não os repreende. Pode ser que os veja, que D. Pedro IV, os doentes, os loucos, os burgueses, os miseraveis nas mansardas, os soldados e os santos tambem amaram. Mas finge que os não vê.

Amar diante de todos é amar ás escuras, Abençoado local! S. Pedro de Alcantara santissimo, com sua igrejinha ao fundo, e seus azulejos misticos, para que os namorados casem mais depressa, e religiosamente como é lei antiga e convencimento bom e ingenuo.

Amanhã—se os namorados de S. Pedro de Alcantara e dos outros jardins tivessem tempo para ler—ámanhã a policia ia lá e encontraria apenas nus e desconsolados os ninhos das tilias e dos platanos escondidos no fundo da alameda, que se debruça sôbre a Avenida. Mas êles viriam, êles virão, êles se multiplicarão para o mês que vem, para o ano, para sempre. O censo da população já marca 700.000 habitantes e os namorados sabem, instintiva e patrioticamente, que é preciso crescer ainda, multiplicar, igualar Madrid, aproximar-se de Paris, encher o mundo de Amor e de continuidade.

Ah! os jardins de Lisboa! Cidade romantica e alvoroçada, seria incoerencia que os seus «gardens» e alamedas servissem apenas para criar imaginarias espécies botanicas e dar alento á musica desconcertante dos pardais e á harmonia pagã que se evola, em perfumes, do coração das madresilvas...

José d'Alma.

Um caso curioso

Apresenta-se á policia uma mulher que declara ter morto um homem em Castro Daire

Na esquadra de Xabregas apresentou-se á prisão Maria Angelica, bêco dos Toucinheiros, que declarou ter, há anos, morto em Castro Daire, com tiros de pistola, um individuo de nome Joaquim Rocha.

Parece tratar-se de uma mulher que não está no uso pleno das suas faculdades mentais.

No emtanto, encontra-se detida para averiguações.

O MOMENTO PROVINCIAL

COMO LISBOA VIVE DIVORCIADA DO RESTO DO PAÍS

RECORDA-SE A MORTE DE UM TRASMONTANO E FAZEM-SE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PROPOSITO DO MOMENTO NACIONAL

E' necessario ter vivido fóra de Lisboa alguns dias e não pensar em Lisboa e não ver ninguem de Lisboa e não ler os jornais de Lisboa para se acreditar, bom Deus, que ainda ha felicidade na terra, que ainda se vive em Portugal e que só em meio do grande silencio da serra, em frente de Deus, o pensamento é bom, o pensamento é santo. Digam embora o que disserem, venha o primeiro paladino a terçar armas por esta senhora famelica e desgrenhada, que á força de ter uma praça do peixe, outra da hortaliça e outra da carne se transformou em regateira, têm carradas de razão aqueles que se insurgem contra o predominio asfixiante de Lisboa na vida portuguesa.

E é interessante frizar aqui que o incendio já lavra de norte a sul, que o odio a Lisboa se vai acentuando dia a dia, minuto a minuto, desde a aldeia mais humilde das fragas trasmontanas té á povoaçãozinha de pescadores que vive lá em baixo, á beira do Atlantico, de tês morena e de alma lavada ao sol.

Os ultimos acontecimentos tiveram um eco doloroso na provincia, a que se seguiu um movimento geral de repulsa. A provincia quasi nunca tem conhecimento do que se passa em Lisboa, ou porque não sabe ler, ou porque vive toda entregue ao trabalho e não tem tempo para ler. Ah! mas os ultimos acontecimentos espalharam-se rapidamente, contavam-se pormenores, citavam-se nomes em termos que haviam de provocar um sorriso amarelo aos seus titulares, se os pudessem ouvir. A provincia liga pouca importancia ao pormenor; a propria verdade chega lá muitas vezes tão mudada, tão diferente do que ela é, que já ninguem a conhece. Pois desta vez o pormenor teve foros de cidade. Dizia-se:

—Mataram-no a sangue frio. Foram buscá-lo a casa, despediu-se da mulher e dos filhos e depois levaram-no para o Arsenal—para o Matadouro.

E é curioso dizer que houve um homem, cuja morte foi mais sentida do que qualquer outra. Em Trás-os-Montes, onde se mata frente a frente, com lealdade—por uma mulher, por uma palavra ou por um cigarro—não queriam acreditar que o tivessem morto assim, cem contra um, sem lhe terem metido primeiro na mão uma pistola, sem lhe terem dito:—Defende-te, que te vamos matar.

Esse homem foi o dr. Antonio Granjo. Trás-os-Montes conhecia-o, porque ele amava Trás-os-Montes. Não houve mulher, não houve criança, não houve choupana, não houve casal de lavrador onde não chegasse a noticia da sua morte.

—Olha, mataram o Granjo—um de Lisboa que era cá de cima, da nossa terra.

* * *

Lisboa, pobre senhora rabugenta, é necessario que a tua casa seja limpa, arejada e que o sol não tenha receio de lá entrar. Receio e vergonha. Por toda a parte, onde o trabalho é santo, onde o trabalho é a vida, ouvem-se clamores contra a sua maneira de viver—que é a sua maneira de morrer. Lá em cima, na serra, trabalha-se do nascer ao pôr do sol; o pastor toca o rebanho e o lavrador o arado. Ha sempre uma palavra amiga para o viandante—uma palavra, uma cama e uma malga de caldo. E já ninguem quere saber quem é o regedor. A entidade regedor está quasi tão desacreditada como a entidade governo. Na aldeia vive-se, trabalha-se sem ligar grande importancia ao humilde delegado do poder central. E se nós em Lisboa fizessemos tambem a experiencia, mandando o governo em paz para sua casa, a cuidar da mulher, dos meninos, dos coelhos e das galinhas? E' tentar a ultima experiencia, senhores! Pode muito bem ser que seja o nosso elixir de longa vida. .

Norberto Lopes

PORTUGAL NA GALIZA

O CONSUL DE VIGO E UM PROGRAMA

UMA ENTREVISTA COM O SR. VASCO MORGADO CONSUL DE PORTUGAL EM VIGO

—O meu programa?

Sem hesitações, mostrando bem que era um assunto completamente estudado, Vasco Morgado, consul de Portugal em Vigo, diz:

—Intensificar o mais possivel a aproximação entre Portugal e a Galiza, e isto não é tão facil como pode supôr-se á primeira vista. Apezar das grandes afinidades de raça, de lingua, Portugal não é conhecido na Galiza. Quero falar de Portugal literario, artistico e, mesmo, industrial e economico.

Vasco Morgado

(Desenho de Jorge Barradas)

—Portugal pode colocar produtos na Galiza?

—Sim. Ha muitos produtos que entram em Vigo, vindos do estrangeiro e que poderiam ser importados de Portugal. A competencia de algumas industrias portuguesas com as similares estrangeiras é um assunto que já estudei e de breve realização. Portugal—os seus homens, a sua literatura, as suas artes, todo o seu progresso—não é conhecido na Galiza, como esta, desconhecida é em Portugal. Comtudo, em Portugal vivem trinta mil galegos e na Galiza ha para cima de dez mil portugueses.

—Mas v. ex.ª crê tão mutuamente desconhecedor um do outro Portugal e a Galiza?

—A Galiza é conhecida em Portugal apenas pelo honrado e presistente trabalho dos galegos, e Portugal é conhecido aqui através os exageros e fantasias das agencias telegraficas. A forma de obstar e evitar êste desconhecimento é fazer na Galiza a maxima propaganda de Portugal, o que, até certo ponto, já fiz, de acôrdo com o *Ateneo de Vigo* que, a meu pedido, creou uma secção de estudos portugueses.

—O que pensa que se há-de fazer?

—Trazer á Galiza teatro português com Brazão, Chaby, Ferreira da Silva, Alves da Cunha, Angela Pinto, Amelia Rey Colaço, Lucilia Simões; tornar conhecida a musica portuguesa por orquestras sinfonicas e orfeons; dar a conhecer oradores, homens de sciencia como Guerra Junqueiro, Julio Dantas, Leonardo Coimbra, Egas Moniz, Ricardo Jorge, Reinaldo dos Santos, Silva Teles e outros; mostrar em exposições obras de pintores: Columbano, Malhôa, Carlos Reis, Antonio Car-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

O barateamento do custo da vida e o governo

O preço exagerado da batata e os roubos constantes nos Caminhos de Ferro do Estado

O governo está diligenciando obter o barateamento do custo da vida. Parece, porém, que, como protesto contra os acontecimentos de Outubro e ainda por espirito de ganancia, os produtores da provincia estão encarecendo os generos, exagerada e propositadamente, e fazendo exigencias descabidas.

Assim, havendo abundancia de batata nalguns pontos do país, os lavradores pedem já 13$ por cada arroba e exigem o pagamento adiantado e em notas grandes, recusando as inferiores a 10$, e o deposito na sua mão, do valor da sacaria. Acresce a isto os roubos, cada vez mais intensos e descarados, que se praticam nos Caminhos de Ferro, e a grande falta, real ou ficticia, de material ferroviario para o transporte de generos para Lisboa.

Cacau "VATEL"

A academia de Coimbra protesta num comicio

onde falaram alguns artistas da geração nova, contra a Sociedade de Belas Artes

COIMBRA, 8.—Na Associação Academica realizou-se uma sessão de protesto contra a atitude da direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, por não ter permitido a entrada a 180 artistas da nova geração. Antonio de Monsanto, Guilherme Filipe, Acacio Leitão e Fernandes Martins, presidente da Associação Academica, foram vibrantemente aplaudidos. Centenas de estudantes enchiam a sala. A academia nomeou uma comissão para iniciar um movimento de protesto, dando a sua solidariedade aos artistas da nova geração.

E' preso um agitador de larga cadastro

Por ser conhecido da policia como agitador e arruaceiro, encontra-se preso nos calabouços do governo civil Carlos Soares, o «Carlos Varino», que, devido ao seu largo cadastro, vai ser enviado ao tribunal de defesa social.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

COISAS DIVERTIDAS

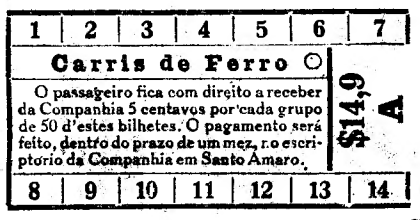
A CAÇA AO BILHETE DO ELECTRICO

VAI PRINCIPIAR COM UMA NOVA DISPOSIÇÃO GENEROSA DA COMPANHIA CARRIS

De todas as coisas de terra que depois de gosadas passam a não ter possibilidade alguma de valer um real — e ha tantas, pois não é verdade, leitoras gentis? — eram os bilhetes do electrico na primeira linha.

Pagos os centavos da tabela, picado o bilhete, furado novamente, dobrado e metido na casa do colete, e alfim feita a viagem, o bilhete do electrico passava a categoria das cóisas inuteis. Reminescencia quando muito de um passeio feliz ao lado de uma belesa femenina, galante e desdenhosa, que foi nossa companheira no mesmo banco — como sucedeu hoje — e nunca mais se encontra!

Mas agora?! Pois é de ver o bilhete novo que a Companhia adoptou e sua doutrina capciosa:



Não sabemos nós o interesse que a Companhia recolherá dando cinco centavos por cada 7$50 de bilhetes, porque julgamos estar na boa previsão afirmando que ninguem viaja mais vezes nos electricos, com a mira de cobrar meio tostão ao fim de determinado numero de viagens.

O que a gente profetisa já é a caça ao bilhete do electrico que vai começar hoje mesmo. Acabou o chão do carro recamado de papelinhos côr de laranja, côr de vinho, côr de pinhão, côr de café com leite. Qualquer passageiro (menos os de tostão, que naturalmente não gosam de indulgencia) se dá de hoje ao futuro ao trabalho de guardar todos os pequeninos pedaços de papel que, custando ao fim do mês uma média de 200$00, lhe passam a custar, com um bocadinho de paciencia, 200$00 menos 26 vezes o *bonus* de 7$50, igual a treze tostões.

Se não fôr o passageiro a dedicar-se á paciencia de juntar o bilhete, é o rapazio todo entregue ao novo *sport* da caça ao meio tostão por cincoenta bocadinhos.

A' hora que escrevemos já há pessoas em Santo Amaro para receberem cinco centavos por uma colecção pilhada aqui e ali. E lembrar-se a gente que cada um dos felizes coleccionadores para receber o seu meio tostão terá de gastar sete e meio, para ir de qualquer bairro á séde do sindicato!

ALEM-MAR

A carta organica de Moçambique

Parece que, de acôrdo com o Alto Comissario em Moçambique, a Carta Organica da provincia vai sofrer várias alterações.

Serviços de S. Tomé

O governador de S. Tomé propôz para o ministerio várias medidas tendentes a melhorar alguns serviços e a crear receitas.

Serviços aduaneiros da provincia de Angola

O Alto Comissario em Angola vai proceder a uma profunda remodelação em todos os serviços aduaneiros da provincia; parece que nessa remodelação serão separados os actuais quadros, ficando aquela provincia com um quadro privativo, e a de S. Tomé e Principe com outro tambem privativo.

Transferencia de professores

Foram transferidos, em concurso, para a escola n.º 71, de Lisboa, os professores Francisco Coelho Flôr, da Amadora, e Saturnino Lopes das Neves, de Setubal.

A CEDULA PESSOAL

O TRANSITO NA FRONTEIRA E A POLICIA DE EMIGRAÇÃO

UMA INTERESSANTE PALESTRA COM O SR. EDUARDO DE CARVALHO EM QUE O JORNALISTA OUVE COISAS UM TANTO ASSOMBROSAS

Quinta feira, ás 16 horas. A acção passa-se no ministerio dos estrangeiros. O sr. dr. Veiga Simões está dando audiencia ao corpo diplomatico.

Num gabinete luxuoso e pacato o jornalista entretem a meia hora de espera que o separa do ministro, sentado num sofá acolhedor, diplomata até ás crinas do estôfo. E conversa. Com quem? Com Eduardo de Carvalho, nosso futuro consul em Boston, pessoa de falas francas, rude por vezes no apontar das verdades, sincero sempre, «bon enfant» até ao infinito.

Trazemos á liça da palestra o decreto que instituiu a cedula pessoal. Eduardo de Carvalho, vá de falar. O jornalista ouve e de quando em quando enxerta preguntas nas suas afirmações. A palestra deve interessar o leitor. Deve. Porque assim o crêmos, ela aí fica reproduzida, virgula a menos, ponto a mais:

—Até hoje não existia, pode afoitamente dizer-se, vigilancia e fiscalisação na fronteira. O governo publicava uns decretos, concepções teóricas de uns dignos burocratas existentes no Terreiro do Paço, que nem sequer se davam ao trabalho de saber se o produto das suas cogitações legislativas estava ou não de harmonia com as realidades nacionais e internacionais. O resultado era que as disposições assim tomadas não tinham nunca execução e serviam unicamente para manter na fronteira uma rendosa industria de que beneficiavam copiosa e escandalosamente os agentes da emigração e os seus amigos.

—Foi para obstar a isso que o sr. ministro dos Estrangeiros fez publicar o decreto n.º 7:784?

—O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, ao publicar o decreto citado, não teve a intenção, como era natural, de prejudicar ou ofender o Comissariado Geral dos Serviços de Emigração, como parece ter-se julgado. O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros teve unicamente em vista organizar um sistema verdadeiramente eficaz e pratico de vigilancia na fronteira.

—Mas há quem nao compreenda porque veiu esse decreto pelos Estrangeiros e não pelo Interior...

—Tratando-se dum assunto que interessa igualmente os dois ministerios, era indiferente que a publicação do decreto correspondesse a um ou a outro. O decreto anterior foi feito exclusivamente pelo ministerio do Interior, sem que os seus autores se dignassem atender as observações do ministerio dos Estrangeiros e isso deu em resultado que ninguem o cumpriu, porque ninguem o podia cumprir. Ora calcule o meu amigo que esse decreto mantinha os salvo-condutos, que já vinham dum outro decreto igualmente absurdo. E toda a gente sabe que, para entrar ou sair em Espanha, o salvo-conduto não é admitido, sendo indispensavel o passaporte (real decreto de 12 de Março de 1917). O referido mostrengo—que outro nome não merece—determinava ainda que fôssem os consules portugueses quem desse salvo-condutos... aos espanhois. E quere saber quanto custaria hoje um salvo-conduto, valido por três meses e destinado a pobres trabalhadores? Uma coisa como sessenta escudos.

—Hein?!

—Mas havia peor: como o meu amigo sabe, os portugueses residentes em Espanha estão munidos dum certificado de matricula, que é o seu documento de identidade. Os espanhois têm a cedula pessoal. Pois, pelo tal decreto, não se dava um salvo-conduto sem que se lavrasse, para portugueses e espanhois, um termo de identidade! O solerte legislador acabava assim, sem dar satisfação a ninguem, com a convenção consular entre a Espanha e Portugal, com o Regulamento Consular Português e até com as leis espanholas sobre cedulas!

—Mas o cumprimento desse decreto devia trazer conflitos...

—Não chegou a trazê-los, porque, como acima digo, ninguem o executou. Os homens da emigração, postos na fronteira, permitiram o transito a quem muito bem quiseram. Chegou-se, nalguns pontos, a esta situação verdadeiramente estravagante: Ao lado do nosso consul e superior a ele, quem dava documentos para Portugal era o alcaide espanhol!

—Você não exagera?

—Se exagero?! Posso fornecer-lhe alguns desses documentos, expedidos pelo alcaide de Tuy. Emquanto, para um português havia necessidade de gastar um dinheirão, colar fotografias, indicar o pai, a mãe, os sinais, etc., etc., um espanhol, sem gastar cinco réis, passava a fronteira com um papelito que dizia: «*El dador, D. Fulano, es persona de confianza*».

Pelo decreto actual a vigilancia fica o que deve ser. Em primeiro logar, a lei portuguesa harmoniza-se, como era indispensavel, com a lei espanhola, de maneira a evitar conflitos e mal entendidos. A direcção dos serviços passa para o director da policia de segurança do Estado...

—E porque não continúa a cargo da policia de emigração?

—Porque o problema do transito politico na fronteira nada tem que ver com o problema da emigração. Para unidade dos serviços, é a policia de segurança do Estado a que deve saber quem sai e entra em Portugal. Por outro lado, não se compreende que a fiscalização exercida pelos consules não esteja intimamente ligada com a das autoridades do interior do país, o que só pode dar-se agora.

—A Emigração, no entanto, não gostou...

—A Emigração é tola. Procede como se o transito da fronteira fosse um monopolio que lhe pertencesse. Ora, antes de estes serviços lhe estarem entregues, pertenciam ao ministerio da guerra—que por sinal se desempenhava deles muito melhor—e não me consta que os militares protestassem, como faz agora o sr. comissario da clandestina, contra a entrega dos mesmos á sua repartição. Eu, se fosse ministro do interior, o que fazia nesta ocasião era averiguar como é que a Emigração tem fiscalizado a fronteira. E garanto-lhe que os crimes e as irregularidades são de tal maneira que os senhores clandestinos que não fossem para a cadeia iam para o meio da rua.

«Mas deixemos a Emigração, cuja hora ha de soar um dia, e vamos ao actual decreto. Os documentos, que custavam o dinheirão que lhe indiquei, são agora muito baratos para toda a gente, custando pouco mais da decima parte de que o que custavam os outros. E os trabalhadores têm ainda uma redução de 50 0|0.

Outro inconveniente da antiga organização — ou desorganização — desaparece: agora ha o pessoal suficiente para fornecer documentos a quem queira transitar. Antes, havia a obrigatoriedade de andar documentado mas havia só, numa fronteira de 1.000 quilometros, três consules portugueses — um para cada tresentos quilometros. E, pela criação da cedula de identidade, torna-se a fiscalização efectiva, o que dantes não sucedia. Como tinha o meu amigo forma de saber quem tinha entrado em Portugal recentemente ou quem residia cá? Estabelecida a cedula obrigatoria, todo o cidadão a apresenta ou, em seu logar, o passaporte.

—Tambem ha quem não queira a cedula...

—A cedula só trás beneficios. Permite-nos manter de uma forma rigorosa e segura um serviço indispensavel; sem pesar na algibeira do cidadão, contribui para a execução de alguns pontos capitais da reforma do Ministerio dos Negocios Estrangeiros: a assistencia aos emigrantes e a expansão economica, duas iniciativas de um alcance patriotico admiravel.

O cidadão, esse, a troco de um pequeno incomodo e de uma quantia insignificante, fica possuindo um instrumento que o livra das mil maçadas e complicações.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

«A moreninha», opereta de José Paulo da Camara e de Luna de Oliveira, em ensaios no teatro S. Luiz, sobe á scena, em festa artistica da actriz Auzenda de Oliveira, no proximo dia 23.

—O dramaturgo Rodrigues Alves concluiu uma peça intitulada «A maior das culpas».

—E' do maestro Pedro Blanch a partitura da opereta de André Brun e Carlos Simões, intitulada «Tarlatana», que deve subir á scena a seguir á opereta «A moreninha».

—Foi ontem assinado o contrato de sociedade entre as empresas Barreiros e Macedo para a exploração do Eden Teatro.

—O conhecido escritor Raul Leal escreveu, em francez, uma peça de teatro.

—A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro partiu esta manhã para Leiria. Dará esta noite o primeiro espectaculo no Teatro Leiriense, com a peça de João Correia de Oliveira e Francisco Lage, intitulada «Os Lobos».

A companhia dará mais dois espectaculos e seguirá directamente para Coimbra e depois para o Porto, onde se deve estrear no teatro de S. João, no dia 17 ou 18.

—Não é verdadeira a noticia do «Seculo» da noite que anunciava o proximo casamento, no Rio de Janeiro, da actriz Beatriz de Almeida.

—Parte da musica da revista de Antonio Carneiro e Lino Ferreira, em ensaios no Salão Foz, é original do maestro Luiz Filgueiras.

—A seguir á revista de Antonio Carneiro e Lino Ferreira, subirá á scena uma outra intitulada «De Herodes para Pilatos», de Lourenço Rodrigues, Luiz de Aquino e Alberto Barbosa.

—Chegaram das ilhas, onde fizeram uma «tournée», os distintos artistas coreograficos «Les Pantaleonis», que brevemente se estreiam numa das nossas mais frequentadas casas de espectaculos.

—Consta que da «tournee» que o emprezario Antonio Gomes está organizando para ir ao Brazil não fará parte o actor Jorge Roldão.

—A companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro, levará á scena uma comedia intitulada «A torta de Viana» original de dois conhecidos criticos teatrais.

—A protagonista da peça «O homem que assassinou» será interpretada pela actriz Irene Grave.

—A opereta «Miss. Diabo» vai representar-se em «reprise» muito brevemente no teatro Avenida.

—Foi contractado para o teatro Apolo, o actor Joaquim Rodas, chegado ha pouco do Brazil, onde tinha ido com a companhia Cremilda de Oliveira.

—Segundo «A Vitoria» os srs. Leitão de Barros e Luís de Oliveira Guimarães, concluiram uma peça em um acto intitulada «Bocage» e que será representada no teatro Nacional. A acção da peça passa-se no celebre botequim do Nicóla.

—A peça de D. João da Camara «Os velhos» será representada nas ilhas pela companhia Palmira Bastos.

—O autor da musica da opereta «Perola Negra», que em breve entrará em ensaios no Avenida, é do maestro Wenceslau Pinto.

—Da «tournée» organizada pelo actor Ernesto Rodrigues para percorrer as provincias, fazem parte as actrizes Fernanda de Sousa e Antonia de Sousa.

—Diz-se que Amelia Rey Colaço vai interpretar «A casa da Boneca» de Ibsen.

—No proximo dia 20 realisa-se no teatro Apolo a festa artistica dos distinctos actores José Dubini e Armando Machado. Representa-se-há a revista «Gato por lebre» com varias novidades e atracções.

—Desde o dia 20 do mês passado o actor Erico Braga adquiriu a quota do sr. Luís Galhardo no teatro Politeama, ficando a partir dessa data os encargos da gerencia daquela casa de espectaculos á responsabilidade daquele artista e do sr. Macedo e Brito.

RECLAMES

Nacional—O mais emocionante espectaculo da actualidade é o da sensacional peça «Casa Cercada».

Apolo—Além do quadro novo refrescam e alegram a alegre revista de Schwalbach, os seguintes números: «Descante a Santo António», no Rossio e «Num sitio».

Avenida—Satanela, Raquel de Barros, Amarante e Alves da Silva, todas as noites são aplaudidissimos, pelo seu trabalho na opereta «Uma viagem á China».

Salão Foz—A revista «Bichinha Gata...» tem tido sempre enchentes ou seja positivamente, á cunha.

Eden—Virginia de Sousa desempenha, na revista «Tic-Tac», a subir brevemente á scena, os papeis de «Cotação», «Chave» e «Kodak».

Coliseu dos Recreios—O novo intermédio cómico desempenhado ontem pelos populares e queridos «clowns» Rico & Alex, alcançou um grande sucesso.

Uma homenagem á memoria de Machado Santos

Realizando-se no proximo domingo, 18 do corrente, o cortejo funebre á memoria do fundador da Republica, a comissão organizadora convida todas as colectividades e todo o povo republicano a encorporar-se no cortejo, que sairá da Rotunda, pelas 13-30, em direcção ao cemiterio do Alto de S. João.

ASCENSORES ELECTRICOS
E HIDRAULICOS
JASPAR
Construcção e funccionamento inexcediveis
Ateliers JASPAR -- Liège
Pedir esclarecimentos
aos representantes
FILIPPE & FILIPPE L.TDA
RUA DO CARMO, 21
LISBOA

PELAS PROVINCIAS

Em Coimbra

Um desastre

COIMBRA, 7.—Um filhinho do sr. dr. Jacinto de Freitas Morna, tenente-medico, no momento em que brincava, caiu num poço, morrendo momentos depois dali ter sido retirado. O desastre deu-se na quinta da Malavada, onde reside o sr. dr. Freitas Morna.

A malograda criança contava 4 anos de idade.

Instituto anti-rabico

A Junta Geral do Distrito concedeu um subsidio de 3.000 escudos para o Intituto anti-rabico. Coimbra continua privada dêste importantissimo melhoramento, porque a Camara Municipal, apesar de ter em seu poder uma importante quantia para aquele fim, até hoje ainda não se dignou providenciar no sentido de alguma coisa se fazer.

Falecimento

Em Santo Antonio dos Olivais faleceu o quintanista da Faculdade de Direito sr. Manuel Inácio Bettencourt Junior, natural da Ilha de S. Jorge, para onde vai ser trasladado o cadaver.

Novo teatro

Uma empreza do Porto pensa construir em Coimbra uma casa de espectaculos, como a de Passos Manuel, daquela cidade.

Pensou adquirir as ruinas da Estrela, pedindo-lhe o seu proprietario 60.000 escudos, quando, segundo se afirma, as adquiriu por 13:000. A empreza está tratando de conseguir outro terreno.

Na Régua

Um drama sangrento

RÉGUA, 7.—Na povoação de Lovelinhas, dêste concelho, envolveram-se em desordem os carreiros Duleideo Pereira e José do Castelo, ambos solteiros e dali naturais. O segundo, foi a casa armar-se de uma espingarda caçadeira e procurando depois o primeiro desfechou-lhe um tiro, que o atingiu no rosto, deixando-o muito ferido. O Dulcideo, a escorrer sangue, cego de furor, não podendo vingar-se do seu agressor, e vendo passar uma irmão dêste, de nome Maria do Castelo, casada, com o marido em África, armou-se do um formidável cacete, que servia de tranca a uma porta, e sem a menor razão de queixa da desventurada, que a tudo em absoluto era estranha, vibrou-lhe uma violentíssima pancada na cabeça, pancada tão grande que ela caiu fulminada, saltando-lhe o sangue pelo nariz, boca e ouvidos, e tendo poucos momentos de vida.

O Dulcideo foi preso e conduzido para o hospital desta vila para ser ali tratado do tiro recebido. Os médicos reconheceram, porém, que o estado não oferecia gravidade, e depois de lhe ser feito o curativo foi transferido para a cadeia.

O tratado com a Alemanha

O sr. ministro dos estrangeiros acaba de comunicar, por telegrama para o presidente da Comissão de Viticultura Duriense, que a Alemanha permitiu, emfim, a entrada de vinhos generosos portugueses até á quantidade de 40:000 no primeiro ano. Esta noticia causou a maior satisfação e tecem-se os maiores elogios á acção patriotica e inteligente desenvolvida pelos srs. drs. Veiga Simões e Antão de Carvalho no ministerio.

Manutenção Militar

Pela ultima O. E. foi promovido a tenente, e continua nesta vila a dirigir os serviços de construção da sucursal da Manutenção Militar, sr. Afonso de Araujo.

Pedido de casamento

Pelo sr. José Martins Correia foi pedida a mão da senhora D. Maria Adelina Lopes da Silva. O casamento efectua-se ainda este mês.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 10:

Resa-se o 3.º dia dentro da oitava, simplêx, paramentos brancos, missa e orações como no dia 8.

Lausperene—Na igreja do Loreto.

Festividades—Sé, ás 11, coro, ás 12 horas, missa e vesperas. S. Roque, ás 8.30.

Loreto—A's 11 horas, festa á Senhora do Loreto, por instrumental, orando o rev. Reitor; ás 17,30, ladainha e Te-Deum, por musica.

S. Tiago—A's 10 horas, novena a Santa Lusia, por musica.

Capelinha do Rosario, (no cemiterio Alto de S. João, na rua 4)—A's 12, missa resada.

Novena á Senhora da Conceição—Com exposição do SS.mo por musica—Ordem Terceira da Cidade, ás 8,30. Estrela, ás 16,30. Chagas, ás 9: Santa Catarina, ás 18,30.

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
RUA IVENS, 53
Conservas e vinhos
Sede provisoria da Filial em ANVERS
51 Rempart Ste. Catherine
Agentes no:
Congo Belga,
Loanda
e Benguela
(PRODUTOS AFRICANISTAS)

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.a
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

S. I. C.
Os melhores
chocolates, cacaus,
bonbons e drops
Pedir sempre os
chocolates
S. I. C.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!
Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

SAPATARIA GARRETT
SEMPRE
A ÚLTIMA
MODA
Tel. C-5181
94, RUA GARRETT, 94

A PRESTAÇÕES
Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

HOTEL METROPOLE
Rocio, 20 LISBOA
Conforto moderno. Um dos melhores hóteis de Lisboa. Recomendado pela Sociedade ed Propaganda de Portugal.

THE MAGESTIC
RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A e 15-B
LISBOA
TELEFONE N-229 TELEGRAMAS ALGODÃO
Ampla garage para recolha de carros.
Venda de gasolina, oleos e acessorios.
Oficinas providas das melhores maquinas. Pessoal tecnico competentissimo em todo o genero de reparações.
FABRICAÇÃO ESMERADA DE CARROSSERIES
Fornecem-se orçamentos gratis

Palace Hotel do Bussaco
INSTALAÇÃO DE LUXO COM TODO O CONFORTO MODERNO
O melhor hotel de Portugal e um dos melhores da Europa. Para informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Francfort Hotel e Hotel de l'Europe No Porto: Grandes Armazens Nascimento.

FRANCFORT HOTEL
Rocio, 30---LISBOA
140 quartos, modernisados e confortaveis. Especialmente recomendado para familias.

NOVAS INSTALAÇÕES DA
Empreza Internacional, L.da
Rua Augusta, 76, 1.º
TELEFONES, CENTRAL: 5052 E 346
TELEGRAMAS:---GALVANICA---LISBOA

ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E GAZ MOTORES, DINAMOS E VENTOINHAS
CANDEIROS E LUSTRES PARA GAZ E ELECTRICIDADE
MATERIAL ELECTRICO E APARELHOS PARA LABORATÓRIOS
LEITE & ALMEIDA
Escritório e depósito:
120, R. da Prata, 122
TELEFONE N.º 3195 Oficina: L. de Santa Marinha, 26 LISBOA

HOTEL de l'EUROPE LISBOA
INSTALAÇÕES MODELARES
Apartements com Sala de Banho, W. C. e Salão—Primoroso serviço de cozinha
A direcção participa aos seus Ex.mos clientes que já funciona o elevador deste hotel

Chegwin, Moura & C.a L.da
CASA BANCARIA
103 RUA AUREA 105
Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa transferencia e todas as operações de banco em geral
Telegramas «TOM» Telefone C. 3033
103 RUA AUREA 105

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE BERLIM

O ESTUDO DAS REPARAÇÕES

Estar-se-ha preparando já a proxima Conferencia Internacional?

O que diz o jornal "Le Temps"

BERLIM, 9

O sr. Loucheur acompanhado por diversos peritos tecnicos e militares partiu para Londres afim de discutir o problema das reparações com Horne e provavelmente avistar-se com Rathenau.

O «Temps» dando grande valor a esta visita diz que ela poderá ser o preliminar duma conferencia internacional.

A opinião publica alemã considerando o facto de Loucheur ter sido escolhido para tal encargo, julga ser um sintoma favoravel da disposição da França em chegar a um acordo, visto Loucheur estar ao facto dos negocios da Alemanha pelas suas anteriores discussões com Rathenau. No emtanto Briand discutiu a situação com o sr. Laurent, embaixador de Berlim, e com o Presidente da Comissão Internacional de Reparações, o sr. Dubois, bem como com os Embaixadores da Inglaterra e da Italia.—(R.)

A prisão de Smeets

BERLIM, 9

O sr. Briand deu instruções ao sr. Tirard para que protestasse contra a prisão do separatista renanno Smeets e contra a sua condução para territorios que estão puramente sob a administração alemã, pedindo que Smeets seja posto em liberdade visto que as acusações contra ele formuladas são exclusivamente de caracter politico. Se a Alemanha se recusar a ceder perante os protestos do sr. Tirard, a questão será submetida aos governos aliados. — (U. P.)

O distrito do Rheno

BERLIM, 9.

As «trade-unions» cristãs dos territorios do Rheno, por intermedio dos seus dirigentes protestaram na imprensa de Aix-la-Chapelle contra a acusação que lhes foi feita de separatistas. Todos os operarios organizados do distrito do Rheno opõem-se tenazmente á separação daqueles territorios, da Alemanha.—(U. P.)

O acôrdo com Portugal

BERLIM, 9.

Foi fechado o acôrdo de comercio economico com Portugal sob a base sem limite da clausula mais favorecida. A' Alemanha é absolutamente concedido direito igual ao estabelecido ás outras nações nas colonias portuguesas. Os bens alemães, ainda por liquidar, serão restituidos.—(R.)

A ocupação militar

BERLIM, 9.

O jornal «Tribuna de Praga» censura a França por diminuir as capacidades de pagamento da Alemanha, sobrecarregando esta nação com o encargo improdutivo das despesas da ocupação militar franceza nos territorios do Rheno.—(U. P.)

O orçamento italiano

O discurso do ministro das finanças

ROMA, 9

Causou esplendida impressão a exposição feita pelo ministro das finanças ácerca do orçamento italiano. O ministro das finanças foi muito felicitado, depois de ter terminado a sessão, pelo seu magnifico trabalho.—(U. P.)

A' VOLTA DA QUESTÃO DA MORATORIA

Os Estados-Unidos consideram possivel anular gradualmente *a divida dos aliados*

A opinião do povo americano e a dos banqueiros

A questão de saber se a America se resolverá a anular as dividas dos aliados volta a agitar-se. Todo o problema economico, causa principal das dificuldades em que se debate o mundo, ficaria por assim dizer resolvido, se tal viesse a dar-se. A grande desharmonia que reina, por motivo da concessão da moratoria á Alemanha, desapareceria, pois o perdão das dividas dos aliados implicaria senão o perdão total da indemnização de guerra alemã, pelo menos uma diminuição dela e uma prorrogação dos prasos de pagamento.

A opinião ácêrca da moratoria continúa agitadissima; em França predomina a de que a moratoria não deve ser concedida e seria um mal para a Alemanha; em Inglaterra predomina a diametralmente oposta.

O «Temps» dizia ha dias que a moratoria seria um perigo para a Alemanha, porque levantaria rapidamente a cotação do marco, o que seria prejudicial á exportação e, por consequencia, á industria. As suas funestas consequencias poderiam até dar logar a uma grande paralização e, por consequencia, a tumultos e a revoltas populares.

Em Inglaterra, pelo contrario, apenas se vê bem proveniente da moratoria, sobretudo para a Alemanha.

A verdade é que cada uma destas nações vê na moratoria o proprio bem ou o proprio mal. A exportação alemã prejudica altamente a industria inglesa e como a Inglaterra pouco receberá dos proximos pagamentos, devido á prioridade da Belgica e da França, a moratoria só lhe póde dar vantagens, libertando-a do pesadelo da exportação alemã que lhe agrava enormemente a crise de trabalho.

Mas, voltando á anulação das dividas, será ela possivel num espaço de tempo maior ou menor?

A senhora dessa resolução é a America; não os ministros, nem o presidente Harding, mas o povo inteiro. Num assunto desta delicadeza nenhum ministro nem nenhum senador quere tomar a responsabilidade de resolver, perdoando as dividas. Quem perdôa a divida não é o Estado, que não tem outras receitas senão as do contribuinte, é o contribuinte ou o subscritor da divida publica. De forma que se a America perdoar a divida aos aliados, doze biliões de «dollars», esse perdão converte-se num agravamento de impostos e numa diminuição de capital particular. O estado não pode, pois, tomar uma deliberação desta natureza sem que a opinião se declare quasi unanime a esse respeito.

Como se manifesta essa opinião, que é o factor essencial do perdão das dividas?

Podemos dividi-la em dois campos: a dos banqueiros, a do povo.

A opinião dos banqueiros é sem restrições de importancia, a favor da anulação.

Entendem que a unica forma de anormalizar a vida mundial, é a America anular as dividas.

Mas aos banqueiros não custa muito ser generoso com a algibeira dos outros. Os banqueiros estão de acordo com a anulação das dividas devidas aos seus clientes. E' preciso que estes estejam de acordo com a opinião dos seus banqueiros.

Que pensam eles? As opiniões dividem-se segundo os paises devedores. Ha paises por quem a opinião publica estaria disposta a fazer sacrificios, para outros não quere anular nada.

Como esta distinção é impossivel de fazer, resta ver se o publico admitirá outra solução. Não admite a anulação por completo e repentinamente. No emtanto, a opinião dominante é de que a anulação se poderia fazer gradualmente.

Se o publico se manifesta assim, dos senadores não ha nenhum que esteja disposto a tomar a responsabilidade da resolução. Como um projecto desta natureza, antes de ser executado, tem de ser aprovado pelos representantes da nação, encontramos aqui uma dificuldade séria a vencer.

Nas proximas reuniões internacionais deve ser ventilado este momentoso assunto.

O estado de espirito da opinião publica já é uma esperança de que de qualquer forma a America tomará sobre si e encargo de melhorar a situação mundial.

A luta em Marrocos

O comunicado oficial das operações

MADRID, 9

O comunicado oficial das operações diz que uma força montada da coluna do general Cabanellas fez um reconhecimento desde Zaio até Sexquera avançando alguns quilometros sem ser hostilisada.

Em Zaio apresentaram-se varios mouros de Ulad-Settud, tendo-lhe sido exigida a entrega de armas, cavalos e quaisquer objectos que tenham nos seus aduares de procedencia espanhola. Exigiram-se-lhes tambem que entregassem refens, tendo os mouros obedecido. Espera-se a submissão dos mouros de Gualaya que estavam ali refugiados.

Em Teuima têm-se apresentado mouros de Mazuza com armamento.—(R.).

A supressão do tratado anglo-japonês

LONDRES, 7

Parece estar em via de solução o acordo estabelecido em Washington que compreende a supressão do tratado de aliança anglo-japonês e a conclusão dum acordo entre os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e o Japão, a diminuição dos armamentos navais e o desmantelamento das fortificações das ilhas do Pacifico.—(U. P.)

Tumultos em Chicago

CHICAGO, 9

Deram-se serios tumultos nesta cidade provocados por uma multidão de cem mil pessoas, resultando terem sido mortos nove individuos a tiro.—(R.)

Coliseu dos Recreios — Telef. C. 4196
Hoje-ás 20,45 (8 3|4)-Hoje
Espectaculo de accionistas — O mais sensactonal numero de circo
O Duplo turbilhão humano
Grande sucesso do novo intermédio comico dos clowns Rico & Alex
O espelho magico
Graça! Alegria! Prazer!

NOVAS DE LONDRES

O ACORDO ANGLO-IRLANDÊS

As forças britanicas vão abandonar a Irlanda dentro de um mês?

As felicitações a Lloyd George

LONDRES, 9

Consta que na sessão especial do Parlamento convocado pelo rei para quarta feira proxima será discutido e submetido á ratificação o acordo anglo-irlandês, e que o Parlamento não estará aberto por mais de uma semana. O Parlamento será depois convocado no principio do ano para as sessões ordinarias e o decreto relativo ás condições do referido acordo ser-lhe-ha apresentado o mais breve possivel.

Nos circulos militares de Dublin diz-se que no caso do acordo anglo-irlandês ser ratificado, as forças britanicas deixarão a Irlanda dentro de um mês.

Lloyd George recebeu inumeros telegramas de felicitações de entidades oficiais e de particulares de todas as partes do Imperio e de todo o mundo. Por coincidencia era o dia do quinto aniversario da sua nomeação para presidente do governo. Fez publicar na imprensa um agradecimento geral a todos que o felicitaram, visto ser-lhe impossivel faze-lo respondendo individualmente a todos que lhe enviaram mensagens.—(R.)

Como na Irlanda se vê o acordo

LONDRES, 9

Pelo partido unionista do Ulster foi hoje discutido o acordo com a Irlanda, resolvendo que o sr. James Craig viesse a esta cidade imediatamente a fim de tratar sobre certos pontos do acordo. Craig declara que se pode agora prever a paz se todos trabalharem para esse fim com paciencia e boa vontade. Griffith, delegado dos «sinn-feiners», avistou-se com os unionistas do sul e comprometeu-se que os seus interesses seriam devidamente representados no novo parlamento irlandês. Pediu-lhes tambem para que ajudassem a manutenção da nova ordem na Irlanda.—(R.)

A Tcheco-Slovaquia e a Hungria

LONDRES, 9.

A comissão de limitação de fronteiras entre a Tcheco-Slovaquia e a Hungria recebeu ordem do Conselho dos Embaixadores para estabelecer uma linha provisoria de fronteiras. Os dois governos nomearam uma comissão mixta que, sob a presidencia dum delegado aliado, investigará ácêrca dos incidentes que ocorreram.—(U. P.)

O plebiscito de Sopron

LONDRES, 9.

O plebiscito em Sopron terá lugar em 13 de Dezembro. Foram enviados para a Alta Silesia contingentes de tropas aliadas para manter a ordem. O Conselho dos Embaixadores solicitaram dos governos hungaro e austriaco que mantivessem as suas fronteiras fechadas durante o plebiscito.—(U. P.)

Mantero & Mendonça, Lt.ª
OFICINAS DE MECANICA, de carrosseries e pintura para
AUTOMOVEIS E CAMIONS
Rua Marquês Sá da Bandeira, n.º 61
(Ao Campo Pequeno)
TELEFONE 2:545 — N

"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Portugal em Vigo

(Continuação da 4.ª pagina)

a arquitectura nacional de Raul Lino, Norte neiro; de escultores como Teixeira Lopes, Francisco Santos, Costa Mota; fazer admirar Junior, Antonio Couto, realizar, em resumo, certamens de arte portdguesa com musica, conferencias, exposições.

—Mas isso é quasi utopia...

—Deixe-se disso. Tudo é pratico. Este programa já o comecei a executar com a vinda aqui, por iniciativa minha, do ilustre e famoso pianista Viana da Mota e do caricaturista distinto Jorge Barradas, que muito apreciados foram...

—Mas só pensa em Arte?

—Não, já lhe disse. No campo comercial e economico já comecei realizando o meu programa conseguindo que os *T. M. E.*, factor indispensavel, fizessem de Vigo porto de escala para as suas viagens á America do Sul.

Mas para mais intensificar a aproximação entre Portugal e a Galiza seria necessario tornar mais rapidas as comunicações por terra.

—Esse é o problema maximo neste momento.

—Imagine que a viagem daqui ao Porto leva 12 horas fora o tempo perdido com o passaporte, com o *visto*, fiscalização nas duas fronteiras, quando poderia fazer-se sem vistos, sem verificações de bagagens, no maximo de cinco horas. Não há possibilidade, pelo regime actual e, sem um grande dispendio, de fazer a viagem entre Vigo e Lisboa, num dia, o que espero evitar, de acordo com a Sociedade de Propaganda de Portugal e a Sociedade de Turismo da Galiza.

—E quanto aos portugueses emigrados?

—Como disse, vivem na Galiza mais de dez mil portagueses, dos quais, e nos arredores de Vigo, cerca de quatro mil operarios canteiros, com familias constituidas e filhos que, no futuro, podem deixar de ser portugueses se eu não conseguir a fundação duma escola portuguesa com professores portugueses aqui em Vigo. Já tenho escola; quanto ao professor, espero que o sr. ministro dos Estrangeiros mo mandará.

O momento é propicio e o dr. Veiga Simões é patriota esclarecido.

NOTICIA A CONFIRMAR

O sr. Peres Trancoso vai Sair do governo?

A Junta de Provisão e o ministro das Finanças

Após dois conselhos de ministros, o sr. Peres Trancoso quasi chegou a acôrdo com o seu colega da Agricultura, quanto á execução do decreto que criou a Junta de Provisão Publica. Ao que parece, o sr. ministro das Finanças não tem duvidas ácerca das vantagens que resultarão do novo organismo. Anciava, apénas, que os individuos que estavam indicados para compôr a Junta, não fizessem executar com o rigor necessario o que se determina naquele diploma. Para evitar êsses inconvenientes, assentou-se em que a direcção da Junta de Provisão ficasse a cargo do sr. Peres Trancoso, como ministro interino do Trabalho, e dos seus colegas da Agricultura e do Comercio.

No emtanto, o sr. ministro das Finanças não se encontra completamente satisfeito, sendo proposito seu abandonar o governo. Damos esta informação com a natural reserva, não obstante termos motivos para supôr que será confirmada dentro de poucos dias.

É descoberto um importante roubo de mantimentos num barco dos T. M. E.

Os agentes José Maria, António Costa e Valente, que se encontram ao serviço dos T. M. E., prenderam António Lopes, despenseiro; Leandro dos Santos Fragata, contra-mestre; José Francisco Cintra, Manuel Lima Amado e Joaquim Andrade Rainho, imediatos, todos empregados no vapor *Porto Alexandre*.

São acusados de terem praticado nesse barco um roubo importante de mantimentos e outros artigos, cujo valor ainda se ignora.

OS TRABALHOS DO CONVENIO LUSO-TRANSVALIANO

Iniciam-se em Janeiro

Segundo consta, o Alto Comissario de Moçambique tenciona em Janeiro proximo dar começo aos trabalhos para o novo convenio luso-transvaliano.

OS MISTERIOS DE LISBOA

Revelações sobre o movimento revolucionario dos conservadores

?

Uma parte dos "outubristas" está organizando outra conjura

O POLITICO X, DECIDIDA VOCAÇÃO PARA "DETECTIVE", DA-NOS CONTA DAS INVESTIGAÇÕES QUE REALIZOU POR CONTA PROPRIA

Ao começo da tarde, quando percorriamos o Chiado, ao abrigo do lindo sol de inverno que hoje fez, encontrámos X, politico do regime e amigo velho, que varias vezes permitiu ao *Diario de Lisboa* fazer boa figura, no que respeita a informações de caracter conspiratorio. Baixo, obeso, linha pacata e rosto bonacheirão, X, que é um rapaz que facilmente capta simpatias e que através a politica tem feito uma carreira obscura mas proveitosa quanto a resultados monetarios, bateu-nos no ombro e disse, com uma risadinha:

—Quere novidades, hein?

—Novidades? Mas se não há nada! A informação vulgar . . .

Um gesto misterioso da dextra, um significativo encolher de ombros. Depois:

—Você está convencido disso? Olhe que eu tenho uma decidida vocação para *dectetive* e nestes ultimos tempos averiguei coisas bastante curiosas . . .

—Mais conspirações?

—Porque não? Vocês são dos tais que só acreditam nas coisas quando toda a gente as vê. Assim têm procedido quasi sempre. Isso é mau. Se quere emendar a mão e comunicar novidades curiosas aos seus leitores é só ouvir-me . . .

—Porque não? Mas aqui . . .

—Vamos para a *Brazileira*. Estamos lá á vontade . . .

***

Beberam-se os «cafés» num instante. O «reporter» acendeu um cigarro e escutou atentamente X, que começou a falar com lentidão, quasi silabando as palavras, como que a pesar-lhes o sentido:

—Neste momento, estão na forja dois movimentos revolucionarios. Um conservador, outro radical. O primeiro não é viavel, em minha opinião. O segundo, se chegar a vir para a rua, tem mais probabilidades de exito.

—!...

—E' como lhe digo. Vamos, porém, por partes. Eis o que há ácerca dos conservadores:—Nessa conspiração, estão comprometidos muitos sidonistas, alguns monarquicos e elementos republicanos sem filiação.

—E dos partidos?

—Ninguem.

—???

—Garanto-lho. Prosseguindo: como já lhe disse, o movimento não é viavel. O mais que podem fazer é uma pequena sarrafusca que prontamente sufocaremos. A força de maior importancia de que dispõem é o Campo Entrincheirado. Nos ultimos dias, ha mais de uma semana, fez-se até uma concentração de forças no reduto Gomes Freire, em S. Julião da Barra. Os outros fortes ficaram abandonados, chegando a tirar os percutores ás peças.

—Mas porque fizeram isso? E' espantoso!...

—Não se admire. E' que quizeram saír nesse dia para a rua, reconhecendo, á ultima hora, que não possuiam a fôrça necessaria. Tudo se fez, a pretexto de uma sublevação bolchevista na cidade.

—E' curioso. Mas, então, que elementos militares tem essa gente?

—Em Lisboa, os seguintes: em sapadores-mineiros, quasi tudo; em sapadores dos caminhos de ferro, alguma gente, exceptuando o comandante, o coronel Raul Esteves que foi procurado por alguem dos conspiradores e opôs uma negativa formal, fazendo vêr a gravidade da hora presente e a necessidade de se obedecer aos poderes constituidos; em cavalaria 2, alguns elementos, talvez três oficiais superiores e um inferior. Quanto a infantaria de linha, nada. Na G. N. R., possuem varios elementos isolados, que não têm fôrça e prestigio para arrastar qualquer unidade para a rebelião. Ha ainda civis, muitos, principalmente revolucionarios do 5 de Dezembro... Mas, repito, no Campo Entrincheirado é que está o fulcro da conjura. Em varios fortes têm-se realizado reuniões algo concorridas e, dias atraz, parece-me que a pedido do comando, cada bataria foi reforçada com 20 praças.

—E a provincia?

—Manda a verdade dizer que têm elementos militares em varios pontos, principalmente no Norte. Ao principio, estavam certos da vitoria e contavam com o general sr. Gomes da Costa para os comandar, tendo chegado a convidar, para a presidencia do futuro ministerio, um ex-parlamentar da extrema esquerda que, mercê da sua conduta durante a *noite sangrenta*, se impôs á consideração geral. Esse politico—acrescentou X., num grande ar de sinceridade—repeliu o convite, declarando que qualquer novo movimento revolucionario é um crime de leza-patria. Pediu mesmo ao delegado dos conspiradores que o procurou que, a bem da Patria e da Republica, desistissem dos seus planos.

—E eles?

—Perante essa resposta ficaram muito amachucados e reconheceram que, a manterem os *outubristas* a sua unidade, não poderão vencê-los. Agora, a conjura prossegue, mas é uma agua morna que dificilmente chegará á ebulição...

***

X. mantem-se silencioso uns momentos. Aproveitámos a aberta para inquirir:

—Mas a unidade dos *outubristas* não se mantem?

—Não. Alguns elementos que colaboraram na jornada de outubro, não ponderando a seriedade do momento que atravessamos, entendem que o programa revolucionario deve ser integralmente executado. Entre esses conspiradores, ha quem ande de boa fé. Outros, pelo contrario, devido a interesses ocultos e porventura inconfessaveis, não concordam com o actual governo, que não se mostra disposto a satisfaze-los. Pensam, portanto, num golpe de força. Numa casa da travessa de S. Domingos, onde reside um oficial de origem israelita, teem-se realizado reuniões para concertar um plano. Sei que entre a assistencia se notam oficiais recentemente chegados das colonias, de onde saíram contra-vontade, alguns, poucos, da G. N. R., muito conhecidos na *Brasileira* do Rocio, dois individuos filiados no partido socialista, e praças e sargentos de marinha.

—Mas o que quere essa gente? Com que forças contam?

—Com algumas unidades da G. N. R., em que dizem ter elementos de toda a confiança, e parte da Armada. Ha elementos civis recrutados para a *intentona*, mas a maioria olha com desconfiança esses manejos, porque não sabe os intuitos que a eles presidem . . .

—Você está bem informado . . .

—Quere mais novidades? Então deixe-me dizer-lhe que convidaram para comandante dos neo-revolucionarios o tenente-coronel de infantaria Taveira, um dos tais oficiais das colonias. Primitivamente, pensaram em fazer presidente do *ministerio* deles, o actual ministro dos negocios estrangeiros, o dr. Veiga Simões. Chegaram-no a convidar, mas este ilustre diplomata declarou que qualquer novo movimento revolucionario daria origem, no momento presente, a gravissimas complicações de toda a ordem. Pediu mesmo a essa facção do *outubrismo* que desistisse do movimento, no que não foi atendido. Desde então, os revolucionarios dissidentes passaram a acarinhar o dr. Mesquita de Carvalho, que se deixou ir na corrente. Têm *ministerio* organizado e varios diplomas prontos a irem para o *Diario do Governo* . . .

—Chegará a haver alguma coisa? Diabo...

—Não. Têm medo uns dos outros, e se lhe digo isto é para vêr se, tornadas do conhecimento geral estas informações, os revolucionários de varia especie que por aí andam, vendo o jogo a descoberto, se resolvem a desarmar. No emtanto... Compareceram tão poucos oficiais da G. N. R. no jantar que ontem se realizou em homenagem ao coronel Manuel Maria Coelho... E' verdade que muitos estavam de servico. —*S. P.*

Nota Financeira

O ministro das finanças suspendeu o «ad valorem» e a um redactor do «Diario de Lisboa» exemplificou a defeituosa aplicação desse imposto: *Cortames vindos de Angola para o Porto. Á saida pagavam imposto... Seguiam para Coimbra, onde eram manipulados. Se vinham para Lisboa, ou antes qualquer cidade, pagavam novamente.*

S. Ex.ª chamou-lhe quasi «um imposto de transito».

Não tenha s. ex.ª duvida que não era «quasi», era «absolutamente» um imposto de transito.

Este imposto tinha-o o Celestial Imperio.

Chamava-lhe imposto de «Kin Kau». Foi a Republica que o suprimiu.

Donde se vê que a China vai mais adiantada que nós.

Emquanto que em Portugal apenas foi suspenso, na China foi já suprimido.

* * *

Lemos nalguns jornais que o sr. ministro das finanças tenciona publicar nova disposição sobre o comercio das cambiais.

Desta feita, acrescentam os noticiaristas, o sr. Peres Trancoso tenciona decretar que ao Estado sejam vendidos 50 0|0 (cincoenta por cento) das cambiais vindas ao mercado.

Não comprcendemos e não acreditamos.

Admitimos que seja uma confusão, dos informadores, com o projecto de entregar aos exportadores 50 0|0 em oiro, e 50 0|0 em escudos, do produto das exportações.

Admitimos que seja outra qualquer medida.

O que não acreditamos é que o bom senso do sr. ministro das finanças pensasse semelhante coisa.

Absorver 50 0|0 das cambiais aparecidas no mercado seria:

1.º Desmentir que o Estado não precisa de oiro.

2.º Fazer ao mercado uma concorrencia mais pesada e mais sensivel do que a que o Estado faz quando vem abastecer-se de oiro, para as suas necessidades.

* * *

No que começamos a acreditar—dada a demora de certas disposições que s. ex.ª tencionava pôr em pratica—é na oposição surda dos profissionais da politica feita a quem quere trabalhar e produzir alguma coisa de geito

CAMBIOS

DIA 9

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	59$000	62$000
Londres, cheque	4 3|4	4 5|8
» 90 d. v.	4 7|8	—
Rio Londres	7 5|8	—
Paris	$953	$979
Italia	$537	$552
Bélgica	$915	$940
Suiça	2$392	2$458
Espanha	1$760	1$888
Berlim	$064	$072
Holanda	4$432	4$552
Nova-York	12$340	12$680
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$200	1$300

TURVAM-SE OS ARES?

De Valera em desacôrdo com a solução irlandesa

LONDRES, 9

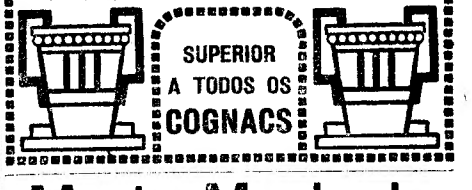
Dizem os jornais que na reunião do gabinete irlanês, os srs. Grifth, Barton, Goegrave e Gollins, se pronunciaram a favor da aceitação do acôrdo anglo-irlandês. Os srs. De Valera, Stake e Brugha pronunciaram-se contra. O sr. De Valera declarou que os termos do acôrdo eram opostos aos desejos da maioria da nação.

Recomendou, todavia, que se mantivesse a disciplina até á sessão publica do Parlamento irlandês, na quarta-feira proxima, acrescentou ainda que apesar das divergencias de vistas entre os membros do gabinete estes estão dispostos a continuar a assegurar a marcha dos serviços e o exercito não será afectado pelos acontecimentos politicos—(H.)

A visita do presidente do ministerio ao Governo Civil

A' hora de fecharmos a nossa ultima página, o sr. Maia Pinto, chefe do governo, visita as dependencias do Governo Civil, acompanhado da oficialidade superior da policia e do seu ministerio.

MONTE REAL



Mario Machado

Da Escola Dentaria de Paris

Doenças da boca e dentes

CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186